MEU AMIGO PITÁGORAS DE MELO

Mário Ferreira dos Santos

A personalidade de Pitágoras[1] para mim tornava-se cada vez mais clara. Conseguia a pouco e pouco me assenhorear de sua alma. Senti-o como propriedade minha e já me dava, ultimamente, ao capricho de fazer algumas experiências psicológicas com ele.

Lançava-lhe algumas palavras-estímulos – era assim que as chamava – e provocava em seguida uma avalanche de frases alternadas de contradições, que me divertiam intensamente, sem que porém no meu rosto expressasse nenhuma outra emoção que a de um simples espectador interessado pela cena que se desenrolava.

Chegava até a prever o que me iria responder quando fizesse uma das minhas perguntas, que tempos atrás considerava irreverentes.

Pitágoras não me falhava quase nunca e eu formava assim aos poucos um corpo todo de doutrina. "Ciência Pitagórica" chamava-a para mim mesmo, num impulso de humorismo. Imaginava formar em torno de Pitágoras uma ciência inteira, com suas leis, com seus exemplos e até com suas conseqüências generalizadas para uma análise mais completa dos outros meus semelhantes.

Sem manifestar a ninguém as minhas apreciações, catalogava-as para mim mesmo. Sabia que falando em amor Pitágoras guardaria sempre antes de dizer qualquer coisa, um grande silêncio. Silêncio que perdurava muitas vezes até trinta segundos, porque eu contava ritmadamente para não perder a conta.

Houve muitas vezes que ele me respondia antes de chegar à casa dos trinta. Era nos dias de mais sol. Quando havia mais sol, mais luz, Pitágoras respondia-me antes de chegar a conta vinte e seis ou vinte e sete. Nos dias nublados, à noite, nos dias frios,

---

[1] Nasceu-nos essa personagem logo às primeiras páginas de "Homens da Tarde" (romance inédito). Nada prometia ainda à nossa consciência, mas logo se impôs, e libertou-se de tal modo, que passou a ter uma vida própria. E poderia dizer, sem buscarmos fazer paradoxos, que teve ele um papel mais criador de nós mesmos que nós dele. Não pautou ele sua vida pela nossa, mas a nossa vida pela dele. Propriamente o imitamos. É quase inacreditável isso. Mas é verdade: a personagem criou o autor. E é espantoso que foi de tal modo que até muitas das nossas experiências futuras foram vividas por ele. Aconteceu-nos na vida o que nós já havíamos escrito no livro. Muitas das peripécias da nossa existência foram antecedidas por ele. E é essa a razão porque o respeitamos tanto, porque o veneramos. Essa existência metafísica tornou-se real para nós. As idéias que a personagem expunha não eram então as nossas. Hoje, em grande parte, são. A personagem nos conquistou. Na verdade, não pudemos resistir à tentação e ao fascínio que ela exerceu sobre nós.(Do livro "Filosofias da Afirmação e da Negação"

demorava mais. E havia até ocasiões que eu passava dos trinta sem que ele descerrasse os lábios.

Ultimamente estava invariável nas suas reações. A princípio notava que ele não tinha sempre as mesmas maneiras de reagir.

Ás vezes fazia um sorriso quando falava sobre os intelectuais conhecidos, noutras agitava-se todo para chamá-los de "charlatães", noutras desviava o assunto. Com o tempo ele ia tomando uma atitude mais regular. E eu já sabia que se falasse nos nomes em evidência a sua frase era essa, imprescritivelmente, inevitavelmente, "uma cambada de charlatães..."

E isso era inevitável como o dia sucede inevitavelmente a noite.

E irritava-se sempre para manifestar, nesses momentos, uma série de opiniões críticas contra os vencedores da hora. "Nomes que tem a mesma vida que os dos artistas de cinema, nos cartazes luminosos. Brilham muito. Sobem vertiginosamente, com estrépito, com fanfarras. Mas a sua queda é silenciosa e poucos a percebem. A humanidade gosta de criar sempre ídolos para adorar. E os mais charlatanescos são os mais apreciados. Sempre foi assim..."

E com amargura acrescentava muitas vezes: Sempre foi assim, através dos tempos, mas será que sempre será assim? Eu tinha vontade de ter uma esperança. Quem me vende uma esperança?

Esse patetismo de Pitágoras era perfeitamente teatral. Ele muitas vezes estirava os braços e pronunciava num tom mais alto essas palavras. Numa apreciação mais superficial poderia chamá-lo "cabotino".

E não foi poucas vezes que alguém lá dentro de mim pronunciou essa palavra. Mas aí vinha em meu socorro e explicava. Explicava com argumentos sólidos que a apreciação era precipitada. Que Pitágoras não era isso, por ser precisamente mais do que isso. Argumentava com calor, com entusiasmo, com decisão de convencer. Mas esse alguém não se dava muitas vezes por vencido e, entre uma ou outra ocasião, deixava sair essa palavra que me bolia todo lá por dentro: Cabotino! Eu amordaçava essa voz interior. Tapava-a como se usasse uma mão junto à sua boca, mas continuava ouvindo-a meio rouca, para me espicaçar os nervos.

Esses grandes gestos de Pitágoras não eram raros. No princípio ele quase não os usava. Com o tempo, depois de aumentar a sua intimidade comigo, tornavam-se mais comuns. E esquecia até o momento, o lugar onde estava, para abrir os seus braços, elevar o seu busto e arrancar da boca, lentamente, essas grandes frases que ele só as usava quando falava com entidades abstratas ou com o universo inteiro.

Lembro-me uma noite, em plena praça, estávamos admirando as estrelas. Pitágoras dizia-me:

-Dizem que o nosso mundo é limitado. Os maiores telescópios do mundo atingem um campo cósmico onde rareiam as estrelas. Para mais além não deve existir mais nada deduzem eles. Mas por que?

Que jamais, afirmam eles, que jamais poderemos conhecer outros universos além do nosso, que circunda o nosso céu, porque a velocidade da luz e a possibilidade de vida dos habitantes terrestres tem um limite marcado no tempo, limite esse que é um segundo para a velocidade da luz. Nosso conhecimento, afirmam, está portanto limitado. E esse limite, dá um contorno à nossa alma, determina um estancamento no nosso avançar através do infinito, aliás do ex-infinito, pelo desejo deles. Mas bolas para a ciência dessa gente! Universo, oh! Cosmos imenso, eu quero crer na tua infinitude, eu tenho que crer na tua infinitude. O teu limite seria uma cadeia para mim. Seria a limitação para mim e eu amo a infinitude. Que me importa que os olhos humanos jamais possam ver além do nosso universo. Isso não impede a minha fé. Que valeria então a minha fé, se a simples explicação do finito fosse suficiente para destrui-la?...

E seus braços se abriam longamente.

Uma ocasião entre os papéis de Pitágoras encontrei um plano esboçado sobre um estudo que ele pretendia fazer sobre arte. Intitulava-se: "Ensaio sobre a metáfora poética". Isso veio revelar-me uma certa falta de sinceridade de Pitágoras. Se ele afirmava-me que não queria de maneira alguma deixar nada de seu para os outros, por que pretendia escrever um dia um ensaio desses? Sim, porque esse ensaio levaria tempo, forçaria o estudo demorado, a compulsão de muitas obras, a leitura de muitos livros, para, enfim, realizar um trabalho ponderável. Se ele não queria de maneira alguma deixar algo para a posteridade, como estabelecera um plano tão grande?

Dou a seguir a cópia fiel, respeitando até os termos que usou, para o estudo que planejara fazer. Ei-lo:

Ensaio sobre a metáfora poética

Sua gênese, desenvolvimento e as tendências atuais. Tabu.

O proibido. A religião. Metáforas célebres.

Tese: sobre a metáfora enobrecedora, ornamental.

Tese sobre a metáfora dos poetas modernissimos, surrealistas, de subvalorização do objeto.

Poesia humana e poesia extrahumana.

Influência do terror cósmico através da poesia.

A poesia de hoje como alta matemática das metáforas.

A poesia que exige mais pensamento que sentimento, para entendê-la. A necessidade de uma pausa na leitura.

Poesia quase charada.

A influência extrahumana na música. Debussy, Villa Lobos, Stravinsky. A ausência do poeta na poesia. Na música. Poesia inferida. Poesia fotográfica. Poesia sem interpretação. Poesia reproduzida como um espelho.

O humano na poesia atual. O humano do humano: poesia pessoal.

A poesia que nega o inconsciente.

A negação das coisas definidas, na poesia de Mallarmé.

A afirmação simples do poeta-espelho. Reage como espectador extrahumana, como uma válvula fotoelétrica. Transforma a luz em som, as coisas em som, mas não entra na obra.

O autor ausente da obra.

Exemplo:

"Uma manhã de sol tem sempre pássaros,
tem bois pastando nos campos,
tem névoas esparsas pelos horizontes.
Uma manhã de sol é um mundo novo que nasce,
uma afirmação.
Há sempre uma esperança das coisas nessas manhãs de sol."

O adjetivo como ornamento abusado na poesia. Aumento da "qualidade" adjetivo na prosa e no verso, para melhor exposição da parte subjetiva. Na arte moderna o adjetivo é não qualificativo do subjetivo do autor, mas qualifica uma interpretação humana das coisas. O autor esconde-se atrás da metáfora, da imagem, do adjetivo. Mas ele existe apesar disso. É como o avestruz que esconde a cabeça na terra, pensando que se oculta. Uma poesia puramente objetiva seria sem ritmo, sem subjetividade, assim:

"Uma pedra. Um bosque. Um riacho.
O riacho banha a pedra que rola
e o bosque parado.
O riacho corre.
Os pássaros cantam.
O sol brilha."

O autor não poderia dizer que a "pedra estava debruçada sobre o rio deixava-se embalar pelas águas". Já entra aí uma comparação humana, uma imagem subjetivisada. Já entra o autor. A poesia deixaria de ser humana e também...de ser poesia. Porque poesia é a exaltação do homem ante o Cosmos. Não há poesia no Cosmos. Há no homem. A arte é humana, simplesmente humana e apenasmente humana."

Muito tempo depois, quando lhe falava com mais familiaridade, ponderei a Pitágoras razões como esta:

-Não acredito, definitivamente, na tua sinceridade. – Ele pôs sobre mim um olhar admirativo. – Não acredito – reafirmei – pois se, realmente fossem inteiramente sincero não haverias de organizar o projeto de um trabalho como o que vi sobre a tua mesa, referente a um ensaio sobre a metáfora poética.

Pitágoras fez a expressão de quem procura na memória alguma coisa. Esboçou um riso artificial e disse-me com calma:

-Aquilo foi feito há muito tempo...há muito tempo... Há muito quando ainda era outro, quando me dava com a Humanidade. Hoje é diferente. Guardo aquilo como um documento da minha outra personalidade, quando ainda era Pitágoras uma esperança. Hoje sou Pitágoras realidade. E sou muito diferente daquele. Naquele tempo eu tinha fé nos homens. Hoje só tenho nas coisas.

. . .

Pitágoras tornava cada dia a sua vida mais fechada. "Política isolacionista" costumava ele dizer num riso artificial, quando eu ponderava-lhe que devia manter, para com os meus amigos e aqueles que se chegavam até nós, um pouco mais de afabilidade.

-Os seus amigos são seus. Você é meu amigo, mas nem por isso implica que devo ser amigo dos seus amigos.

-Não é bem isso, Pitágoras. Não é justo que você se feche tanto.

-O que é que você julga justo?

E com essa pergunta me forçava desviar do assunto. Com o tempo me convencia que não adiantaria nada teimar em modificar os seus hábitos.

Entre aqueles que conheciam Pitágoras formavam-se apreciações a seu respeito. Na verdade eu era o único que poderia manifestar maior conhecimento e, tenho certeza, o único que poderia fazer dele um juízo mais próximo da verdade. – O que é verdade? Parecia ouvi-lo fazer-me essa pergunta.

As perspectivas como variavam de mim para os outros, variavam também o juízo que faziam dele. Um louco! Um pobre coitado! Um bêbedo! Essas eram as classificações mais comuns. Muitas vezes reagia. Fazia longas apreciações em torno de Pitágoras.

-Vocês não compreendem a sua grande vida interior. Esse homem tem sofrido muito. Um grande amor...

E quantas gargalhadas recebi no rosto.

Em suma, Pitágoras tornava-se para mim indefensável. Só haveria um jeito. Mostrar aos outros as suas obras, o que fizera, os inúmeros trabalhos inacabados. Pitágoras tinha agora muitos trabalhos inacabados. Possuía cerca de uns oitenta livros iniciados. Numa folha de papel almaço punha o título do seu livro. Coligia apontamentos, escrevia trechos e deixava-os lá dentro. Em quase todos já possuía algo.

E se lhe perguntava:

-Mas por que não terminas um desses livros?

Ele respondia-me invariavelmente:

-Mas para que? Não tenho nenhum desejo de fazer nada em definitivo. Sinto que tudo sofre uma contínua modificação. E sinto isso no que faço. Por isso é raro que dê uma forma definitiva aos meus trabalhos. Deixo-o amadurecer um certo tempo e, quando os

releio, dá-se comigo uma das duas coisas: ou fico admirado do que fiz, julgando até não ser meu ou tenho uma grande desilusão de mim mesmo.

Certa vez fitou-me mais demoradamente e disse-me:

-Já houve tempo em que eu corria de editor em editor, oferecendo o que produzia. Pois nunca encontrei quem quisesse perder o tempo em lê-los. Uma vez deixei um romance com um editor que me prometeu lê-lo. Depois, muito tempo depois, quando fui visitá-lo, afim de que me dissesse alguma coisa a respeito, o homem já havia se esquecido de mim, instado para que me desse uma opinião sobre o meu livro, mandou procurá-lo no seu arquivo e me devolveu. Vendo o meu espanto e talvez uma expressão de desgosto, ele me disse: -Li o seu livro. É bom. Mas deve melhorá-lo mais. Analise bem o seu trabalho. Corrija-o bem. E depois, com um tempo, talvez possamos aproveitá-lo.

E quando lhe perguntei quais eram as partes que havia gostado menos ou mais, ficou indeciso e irritado. Percebi perfeitamente que não o houvera lido e não perguntei mais nada nem esperei pela resposta e tomando dos originais retirei-me sem sequer me despedir. Não calculas como passei esse dia. Foi um dia, um dos dias de desesperança. Mas, depois, enchia-me de coragem e lá andava eu outra vez à procura dos editores. Sempre otimista. – E num riso mal contido – Que fracasso era eu...

Mas eu vi nesse momento que enrubescia. E tomando um ar de manifesto orgulho acrescentou:

-Hoje desprezo qualquer vitória que pudesse a vir obter.

Não a quero porque renunciei a tudo. E, saibas, tenho certeza que me imporia se o tentasse e essa minha certeza é imensa, absoluta. E é por ter certeza de que seria vitorioso, que a minha renúncia se torna mais nobre, mais sublime ante os meus próprios olhos. Agradeço mil vezes a esses editores que nunca quiseram me dar a falsa glória do sucesso. – E tocando-me no braço continuou:

-Que coisa sublime, não achas, alguém saber que poderia ser um nome admirado entre os seus semelhantes, ter um gesto de desprezo tão grande para o mundo de poder até renunciar a sua glória. Eu me sinto imenso nesses momento. Eu, o meu mundo, o mundo que sou eu, aplaudo-me nesses instantes cheio de admiração. Nesses momentos, é nesses momentos, que eu me sinto maior que a Humanidade! E, nesses momentos em que me sinto maior que a Humanidade, que num gesto magnânimo, me reconcilio com ela.

Pitágoras deu-me um dia esse poema para ler:

Pelos sete mares da vida

Hei de seguir pelos sete mares da vida
à procura de novos horizontes...
Ver outros crepúsculos
e ouvir as vozes inéditas dos pássaros.
Viver uma aventura de sangue e de penumbra
nos cabarés de Singapura...
sentir o vento frio dos portos da Noruega,
encharcar-me de álcool na Inglaterra
e embriagar-me de amor no meio dia europeu.
E sonhar...
E correr os mares e sobre os mares correr meus olhos.
E recordar...
E lembrar-me daquela que não pode ser minha,
daquela que esteve à minha mão...
E correr os mares,
e correr os portos,
e procurar na lonjura os horizontes perdido,
onde os crepúsculos sejam sempre mais belos...
...Hei de seguir sempre pelo sete mares das vida!...

Eu repetia em voz alta as últimas palavras do seu poema:

-Hei de seguir pelos sete mares da vida...

-Hei de seguir pelos sete mares da vida... – Havia paixão nas suas palavras. Ele dava um tom lírico à sua voz. – Os setes mares da minha vida em busca dos horizontes inéditos. Percorrer os meus olhos pela paisagem da vida na ânsia de ver o algo novo que a imaginação promete. Triste peregrinação pelo mundo. – Seus olhos estavam esgazeados – Partir pelo mundo em busca do novo. E chegar, depois, às paisagens da vida e dizer: Já vi isso! Já vi isso! E continuar a peregrinação até que o corpo cansado só tenha um desejo: a morte. Mas ao fechar os olhos para a noite sem fim, como num relâmpago, dizer dentro de

si: Se tivesse mais forças iria em busca das novas paisagens da vida! Mas o mundo é pequeno para essas aventuras.

E que adianta percorrer pelo infinito os nossos olhos ávidos, se o limite é o nosso inimigo?

E parava aí. Depois, com naturalidade, dizia-me:

-Como é bom a gente viver numa cidadesinha assim como esta, longe de todos os ruídos dos grandes mundos. A gente pode ser lírico. A gente tem direito de ser poeta. A gente tem direito de acreditar em muita coisa. Até na felicidade...

* * *

Entardecia. Pitágoras e eu admirávamos o entardecer. Olhávamos os campos deitados, soltos.

-Nesses momentos ainda se pode sonhar e se tem o direito de ser poeta. Haverá sempre poesia enquanto houver um anoitecer como este, não achas?

Eu meneava a cabeça concordante.

E ele prosseguia:

-Você vê aquela lua neste anoitecer lento? Vê como ela está amarela, alaranjada, com cambiantes de ouro e vermelho? Bem colocada sob aquele fundo verde-azulado, quase violeta?... Não parece um disco meio irregular? Assim, uma espécie de moeda antiga? Uma moeda antiga que vai subindo, como se fosse puxada por um ordem invisível, que um contra-regra dirige atrás daquele cenário verde-azulado? Não parece?

-...é mesmo.

-Um animal veria aquela lua também alaranjada. Veria aquele céu verde-azulado. Ve-la-ia subindo pouco a pouco, mansamente. Mas, o animal não a compararia com uma moeda antiga, nem imaginaria um cordel invisível, nem um cenário verde, onde atrás estivesse um contra-regra cuidadoso que a puxasse lentamente. Não!... É aí, que está a arte. A arte vai consistir precisamente disso. Aí é que está o homem, o artista.

-Mas se o animal imaginasse também?

-... Se imaginasse também, meu caro, o animal seria um homem.

Nada exprime melhor um homem do que as suas obras.

Poderia descrever nessas páginas os costumes de Pitágoras, descrever toda a sua vida, através das suas exterioridades, através dos seus cacoetes, e, enfim, poder fornecer todos os dados necessários para uma sua classificação pura e simples.

Prefiro, no entanto, reproduzir as suas obras, porque nada exprime e determina melhor o caráter de um homem que as suas obras. Pitágoras está todo nessas páginas que seguem. Ele tem sido para muitos um motivo interminável de ridículo, sobretudo nesta nossa terra, onde se gosta tanto de ridicularizar todos aqueles que possuem alguma coisa de novo ou de original na cabeça e ainda tem o imperdoável desplante de descrever aos outros o que pensam.

Todas as contradições que se apresentam na obra de Pitágoras dizia-me ele muitas vezes: são simplesmente aparentes. Não há contradição no que ele diga. Há frases que parecem se repetir, como há na natureza fenômenos que se sucedem diametralmente o oposto, quando se espera que sucedam por idêntico.

"Se se atentar bem para as minhas palavras, se se estudar bem o que sempre tenho dito se verá que não existe essa contradição senão superficialmente, o que me faz passar por louco ante os outros" , dizia-me ele.

E, não nego, eu mesmo muitas vezes, depois de um raciocínio mais demorado, cheguei também a essa conclusão que as contradições de Pitágoras são mais aparentes que verdadeiras.

Não devo, no entanto, deixar de falar sobre o tom da voz de Pitágoras. Era todo irreal. Eu definia assim e ainda defino assim,

Pitágoras era para mim menos que um corpo vivo, era uma sombra, mais que um homem, era um Deus. Pitágoras possuía uma tonalidade morna na voz, quase grave, e suas palavras saíam muitas vezes lentamente, sem afetação. Era simples e embora tivesse os seus gestos teatrais havia neles um ritmo, uma mímica. Ele impressionaria num palco. E muitas vezes imaginava-o interpretando Othelo, Hamlet. Tenho certeza que Pitágoras se tornaria um grande artista.

E digo isso com toda firmeza e convicção, porque ele quando aristocratizava os seus pensamentos, assumia uma atitude de desdenhosa majestade ou então um porte senhorial ou a candura respeitosa de um monsenhor. Tinha sorrisos lentos, quase imateriais, quando recitava-me uma poesia. E uma máscara como ainda não conheci em teatro. Ele expressava

nas rugas da testa, no leve alçar do sobreolho, num traço no canto da boca, num simples movimento de olhos, uma completação impressiva do que dizia, do que expunha. E suas mãos?... Finas, leves, pálidas. Como ele as movia com ritmo e com música. Lembro-me uma vez quando lhe descrevia uma história de amor e que havia terminado bem, com toda a felicidade do par amoroso, uma história que parecia impossível realizar-se, devido aos impecilhos que se antepunham, uma história que era irmã da sua, como Pitágoras ergueu os olhos para o alto, com suavidade e meiguice. Todo o seu rosto, naquele momento, não tinha o risco de uma ruga. Era manso, era calmo como um lago no verão. E lembro-me bem, como me lembro bem, quando ele ergueu a palma da mão aberta bem quase ao alto do rosto e de seus lábio saíram essas palavras mansas:

-E foram felizes... e foram felizes... – Ele não perguntava. Ele afirmava.

E eu vi, juro que vi, naquele seu olhar, naquele seu rosto, naquela mão aberta docemente erguida, o mais perfeito rosto de Jesus, como ante as criancinhas felizes que queriam vê-lo, quando ordenou que deixassem-nas vir a ele.

Pitágoras naquele momento não tinha inveja, nenhuma inveja da felicidade demasiado grande daquela história.

...

A obra de Pitágoras está aí. Ele mesmo me dizia quando procurava manifestar a minha admiração pela originalidade das suas idéias que não tinha nada de original. E fazia-me então a apologia do lugar comum, dizendo-me que "muitas vezes cheguei a uma conclusão que esperava que fosse totalmente minha. Exclusivamente minha. Deixava-me feliz, feliz como Colombo quando descobriu a América. Mas tempos depois eu via que as minhas idéias já haviam sido defendidas, expostas por outros filósofos e tinha somente um sorriso de desdém para tudo. Restava-me tão somente a satisfação de haver chegado ao mesmo ponto que o filósofo ilustre por caminho diferente".

-Nada há de novo debaixo do sol! – prosseguia ele, sem sequer pôr em mim os seus olhos – Tudo que de ilustre se possa dizer, já foi dito em outras palavras.

"Entre os meus trabalhos possuo uma crônica que escrevi quando tinha mais ou menos meus vinte a vinte e um anos. Chama-se 'O Elogio do Lugar Comum". Deve estar aí entre os meus papéis, mais velhos. Já naquela época, na juventude, quando se tem ainda a impressão de que se pode descobrir algo de novo nas coisas humanas, eu já tinha o amargor

das coisas ditas e reditas. Desde aí nunca acreditei na minha originalidade. Quando, depois de longos estudos através da biologia, da físico-química cheguei a conclusão que o potencialismo era um fato biológico, fisiológico, químico, físico, psicológico, histórico verdadeiro, tive a sensação de quem houvera descoberto um mundo novo. Mas quando depois comecei a ler Nietzsche cheguei a certeza de que ele havia, antes de mim, descoberto o potencialismo, sem que, no entanto houvesse dado um corpo de doutrina, uma melhor ordenação ao que ele sentia, como eu.

Foi uma desilusão dolorosa para mim. Mas meus pontos de vista transcendem de Nietzsche. Eu juntei os outros ainda, como Marx, como Freud, como Spengler, como Bakunine e Krishnamurti e formei, dentro das suas doutrinas, misturando-as, a minha doutrina, que é um misto de cada uma delas, com diretrizes novas. Eu não a lançarei para o mundo como uma nova esperança. Eu morrerei com ela. Mas tenho certeza – e apontava-me com o dedo e os seus olhos brilhavam naquele brilho profético – que ela ainda vencerá no mundo. Vencerá porque outros trarão em suas mãos esse archote acesso que iluminará as consciências de amanhã..."

Dou a seguir algumas páginas de Pitágoras que pude obter da sua vastíssima obra literária, histórica, filosófica e científica.

...

"Fugir dos homens, fugir das suas cidades ruidosas, fugir das suas exterioridades estreitas e das suas opiniões vulgares! Eis o meu grito de libertação para mim mesmo.

Foge dos homens que se tatuam de sufixos para as suas idéias, de adjetivos para as suas atitudes!

Foge dos homens que passam pelas ruas de cabeça baixa e que temem se encostar no próximo.

Onde está a humanidade dos homens? Meu pessimismo é um sinal de decadência. Desejaria antes o gesto de rebeldia de quem destroi para construir mais além. Mas prefiro a minha fuga. Prefiro recuar ante eles. Deixem que o mundo continue entregue às mãos dos bárbaros que o dominam, dos insensíveis que o dirigem...

Continue a Humanidade aplaudindo os seus deuses de mármore, os seus moedeiros falsos da arte, da ciência, da política. Eles tem brilhos de sol... Tem gestos que impressionam os fracos.

Um gesto grande só pode partir de um grande homem... Ele tem um gesto grande... Logo...

Para que existe a lógica para essas multidões. Não é para isso. Para se justificar ante as suas fraquezas?

Os homens não crêem porque a sua fé os obriga. Eles crêem em sua fé, precisamente porque crêem.

Afastai-os dos seus ídolos que eles criarão outros..."

"Eu vi uma criança que fazia esforços supremos para levantar uma pedra. Retesava-se, falava alto, respirava profundamente e, depois de um grande esforço, conseguiu levantá-la.

E eu vi um sorriso imenso no seu rosto e uma respiração mais ofegante e risonha!

Eu vi o homem prehistórico vencer os seus inimigos!

Eu vi o homem das cavernas com uma seta derrubar o mamute ameaçador!

E eu vi no seu rosto um sorriso imenso e uma respiração mais ofegante e risonho!

Eu vi esse mesmo sorriso nos rostos de todos aqueles que puderam ultrapassar os limites, vencer as dificuldades, destruir os impecilhos.

Eu vi esse sorriso em todos os rostos daqueles que tiveram um momento de poder!

Eu vi esse sorriso nos fortes e vi esse sorriso nos fracos!

E foi então que eu compreendi.

E foi então que eu compreendi, ó homem, que o que buscas te acompanha desde o primeiro dia da tua existência no mundo.

Aquele sorriso, homem, é a felicidade.

E tu o tens no teu rosto quando vences, quando te ultrapassas, quando atravessas os teus próprios limites!

Oh! Homem, sê mais que tu mesmo e serás feliz!"

"Tenho uma perspectiva nietzscheana de ver as coisas do mundo e sinto-me o seu único discípulo na terra.

Ele que odiava os homens bons, foi bem para o mundo, uma fatalidade.

'Sei que algum dia o meu nome se aliará, em recordação, a algo de terrível, a uma crise como nunca ocorreu, à mais tremenda colisão de consciências, a uma sentença definitiva pronunciada contra tudo aquilo que se acreditava, exigia e santificava até então.'

E essa crise tremenda, essa crise terrível, é a que no momento assola o mundo.

É o prelúdio das grandes transmutações de todos os valores.

Só o amanhã poderá entender Nietzsche.

Eu tenho ciúmes do mestre, porque ele me descobriu as verdades que eu já tinha vivas dentro de mim.

Mas creio que um dia o discípulo possa fazer uma obra prima... e se não tivesse aceito para mim mesmo a minha própria derrota, como inapelável, eu tentaria a obra prima que poderia fazer.

Mas nunca desejaria o aplauso dos medíocres. E os medíocres são sempre o maior número. São sempre os que dominam. São os que aplaudem e os que vaiam.

Apossam-se das posições para imporem o seu gosto. Nessa hora de grandes transformações humanas é que a mediocridade assola todos os ramos e todos os pontos altos da vida.

Ele nunca quis ter uma igreja, nem quis fazer prosélitos.

Odiou sempre os rebanhos e mais ainda o homem de rebanho que segue os outros que vão à frente, precisamente porque vão a frente.

Eu creio numa outra humanidade em que os homens marcarão o seu destino por suas próprias mãos.

Creio numa humanidade em que o homem não seja mais um número, mas senhor dos seus instintos, da sua vontade e da sua derrota.

Ele veio ao encontro das minhas idéias. E eu vivi uma a uma as suas doutrinas.

Parece-me ouvir as palavras de Zaratustra:

'Recomenda-se mal um mestre se ficamos sempre apenas discípulos... Eu sou venerado por vós: mas que seria de vós se o objeto de vossa veneração algum dia desmoronasse? Cuidado: não vos deixeis esmagar por uma estátua.'

Eu não desejaria ser sempre um discípulo, para não recomendar mal o meu mestre.

Pobre Nietzsche nunca teve um discípulo na sua vida. A sua doutrina será odiada pelos homens e a sua figura será desprezada pelos homens.

Mas os dias próximos exaltarão aquele que soube erguer a sua voz acima das muralhas, quando chegar essa hora que ele previa em que se erguerão todas as forças da mentira milenária do homem para a grande luta contra a verdade eterna do homem.

Eu fui além de Nietzsche. Seria talvez, até um certo modo da minha vida, um discípulo seu. E poderia continuar a sua doutrina que ele não pode terminar.

Só assim Nietzsche teria tido um discípulo. Seria o seu primeiro discípulo. Mas seria necessário que eu não amasse tanto a minha derrota, para desejar ser alguma coisa além de mim."

"Se verá no dinamismo do espaço, a significação de todas as coisas humanas, as gotas de sangue e de alma, nos menores detalhes...

O céu está conosco, bem dentro de nós. Bem-aventurados aqueles que tem a suprema ventura de ouvir as músicas do universo e ninar o seu sono no ritmo de suas exaltações, no ritmo dissoluto do acontecer...

Bem-aventurados os que virem e os que ouvirem."

"Quero libertar esse espaço preso às quatro paredes do meu corpo. Tenho ânsia do ilimitado e quero viver o sonho do irrealizável. Quero elevar a catedral da minha alma aos rincões do céu.

Ela é uma oração arquitetônica ao infinito

Quero elevar até ela a música polifônica dos meus deslumbramentos, o gosto gótico dos meus vitrais, colorindo o imenso em formas solenes e misteriosas.

Quero transfigurar-me, vibrar à luz os fantasmas do meu ser interior. Quero lavar no bálsamo da luz o brilho votivo dos meus olhos..."

Silêncio Amigo

E agora é noite
E há a ternura do silêncio lá fora...
Sobre os meus ombros
cai a carícia amiga das sombras,
que me convida a pensar.

A pensar
nas crianças que choram de fome,
nos homens que morrem nos campos de batalha.
Nos que desesperam da vida,
nos que clamam uivos de ódio...
E, no entanto, há o silêncio lá fora,
um silêncio manso.
Sinto um gosto de lágrimas no coração
e, no peito, a serenidade
de quem se conformou com a vida e a morte.
Mas há aqueles que riem de alegria,
aqueles que passam sem ver a dor dos outros.
Dentro de mim há uma vontade imensa de gritar,
de gritar também como os desesperados.
Mas há o silêncio terno lá fora,
o silêncio que me dá serenidade...
Silêncio amigo,
silêncio que acaricia as minhas dores
e me conforma com vida e a morte...

"E o homem do século vinte falou:
não posso mais ouvir a voz dos pássaros
porque o urro dos canhões ensurdece os meus ouvidos.
Não posso mais compreender a suavidade das músicas mansas porque meus nervos estão esgotados.
Tenho os olhos pisados de tanto olhar pelos horizontes, doídos das perspectivas cansadas.
Olho para a vida de hoje
Vejo como ontem os mesmos malabaristas,
jogando bolas coloridas para o ar.

Vejo a farsa ridícula das escolas que nascem com estrépito e morrem silenciosas.
Vejo como na Alexandria do passado
os homens preferiram os dramas dos medíocres às peças de Sófocles.
Vejo hoje esses arranha-céus,
vasto imenso dos que não tem sentido,
como os edifícios da Roma Imperial.
Onde estás, Rembrandt?
Que são esses novos estilos
que vão roubar da Assíria, do Egito e do México
as formas que o tempo não pode destruir?
Onde estás, Bach?
Eu vejo os artistas copiarem os artistas
e os filisteus vencerem em sua época.
Onde estás, Leonardo?
Que tenho os olhos cansados, os músculos cansados...
Bocejo de sono...
quero dormir...
talvez sonhar...

Verhaeren

Verhaeren,
Nesta noite de frio,
Nesta noite de solidão
Ardem os meus olhos
Gela-me no peito o coração.
A cidade longe pensativa
Geme no vento seus gritos de dor.
Nas minhas mãos geladas
Tenho os teus versos de amor.
Amor sublime, amor que encanta.

É um amor de solidão
Um amor que fala bem pertinho do coração...
Teus versos fazem bem, Verhaeren,
Eles me aquecem o sangue,
eles me fazem aprender amar
aqueles que sofrem,
aqueles que não puderam ser bons,
aqueles que não souberam ser maus...
Verhaeren, o destino bem que quis
Que fizesses versos que fossem ao coração!...
Verhaeren,
é preciso ler os teus versos
para se compreender o gosto de ser-se infeliz.

Manhãs claras

Nessas manhãs claras,
de céu lavado,
de nuvens brancas esgarçadas
sentindo o cheiro bom da relva fresca
a gente pode crer que os homens sejam bons!
Sorri para as coisas,
para os bois mansos que pastam,
para os pássaros que voejam
para os cães que latem na lonjura...
A gente crê nos cambiantes verdes...
nos verde-escuros das matarias...
.....
...Só nessas manhãs claras
de céu lavado
de nuvens brancas esgarçadas...

"A filosofia tem sido quase que tão somente uma tempestade dentro de um copo d'água. Nascem teorias, vivem, amadurecem, morrem e tornam a renascer. E na verdade uma única realidade permanece, apesar de todos os esforços dos filósofos: o homem.

Essa armação óssea, coberta de músculos e de pele, é a grande realidade. Em suas linhas gerais o corpo humano é simétrico. Mas não existe simetria, nem regularidade no seu sistema vascular, que é regido por leis hidro-dinâmicas. Eu divido o ser psicológico em dois processos: o inconsciente formado de sua vida profunda, visceral, muscular, donde nascem suas tendências, seus apetites, seus desejos e suas repulsas e o consciente, periférico, exterior, atividade sensorial, raciocínio, vontade, etc.

Há, para mim, inconsciência visceral, muscular, óssea, etc.

Poderia fazer um esquema elementar. Um simples beliscão na pele. A sensação percorre pelos fios condutores e vai até à célula sensitiva, colocada no cérebro. Operam-se, aí, fenômenos físico-químicos. A célula sensitiva comunica a sua emoção a outra próxima de qualidade motora, colocada, também, na matéria cinzenta. Para enviar os resultados de sua comoção. E o influxo motor é remetido à periferia como respostas à excitação havida, uma retração, por exemplo. Esse fenômeno é puramente inconsciente. Este capítulo é assunto de laboratório. O que interessa à psicologia é a parte referente ao consciente. E daí é que nascem essas teorias.

Eu não posso separar, porém, o homem desses dois processos.

Eles podem. Aqui estou nesta mesa e vejo vocês. É isso um trabalho muscular. Se fechar os olhos não vos vejo mais. Se vos olho é que os meus músculos me permite, externamente, por poder olhar-vos e externamente por acomodá-los às excitações exteriores. É nesse conjunto que eu formo a consciência que tenho de vocês. É essa conjunção sensitivo motriz que forma a consciência.

Uma contração muscular separada foge à consciência.

Eu posso nesse momento não ter consciência dos meus pés. Pensando neles, agora, acomodei meus músculos, meus músculos, meus nervos para eles e passo a considerá-los conscientemente. É essa justaposição que é a consciência.

O resto é fantasia..."

Eu te conheço há cem mil anos!...

Eu me recordo destes olhos
e das linhas do teu corpo...
Lutei por ti nos tempos prehistóricos,
e te possui numa noite cheia de terrores e de sustos!..
Tu fostes Beatriz e eu fui Dante,
tu foste Elvira e eu Jocelyn,
tu foste Heloisa e eu fui Abelardo
tu foste Cleopatra e eu Antonio
foste Julieta em Verona e fui Romeu
Vi-te, branca como a lua, meiga como as madrugadas de verão.
E te amei com todo o meu corpo...
Foste Virgínia e eu fui Paulo
E recordo-me dos momentos que me fizeste sofrer
e dos sorrisos que desenhaste no meu rosto.
Ao te ver
recordo-me daquelas horas passadas,
em que desafiei cavaleiros,
que derramei sangue por um sorriso teu...
em que lutei nas cruzadas porque me pediste...
Arrisquei a vida cem mil vezes para poder te ver,
para admirar os teus olhos,
para acariciar o teu corpo...
E, hoje, quando te vejo outra vez,
recordo-me de todas as vidas que vivi,
de todos os instantes de alegria e de tristeza.
Dos momentos felizes em que tive nos meus braços...
Recordo hoje os cem mil anos que nos amamos,
que nos conhecemos.
Tu não mudaste nada, minha amiga,
és a mesma que conheci há tantos anos...
E eu sinto hoje por ti, como sempre senti

O mesmo amor e a mesma esperança!...

• • •

"Cada dia que passava eu conseguia obter maior confiança de Pitágoras. Já conhecia de sobejo as palavras estímulos que o faziam abrir-se confiadamente para comigo. Aqueles longos silêncios, em que ele perdia o olhar paralelo, cerrava os lábios e pendia levemente a cabeça para a frente, eu possuía o dom de interrompê-lo. Possuía o dom de fazer mover-se no seu rosto um sorriso bem vivo e que seus olhos volvessem para mim um olhar simpático.

Pitágoras reabria então os lábios, molhava-os lentamente, suavemente e a sua cabeça alçava-se com naturalidade, para, calmamente, através das suas palavras, ir mostrando um a um todos os segredos da sua alma. E, nesses momentos, a pletora dos seus gestos, as suas palavras mais altas, o punho cerrado batendo sobre as mesas ou sobre as coisas, intercalavam-se entre longas pausas em que ele era todo pensamento.

Bastava-se espicaçá-lo com uma outra apreciação. Um fato qualquer extraído dos jornais ou da vida. Uma apreciação mais indecisa sobre qualquer assunto de arte ou sociologia, logo o tornavam agitado e ele esclarecia o seu ponto de vista que muitas vezes era a negação completa do ponto de vista que anteriormente houvera definido.

A minha intimidade com ele crescia. Crescia embora houvessem momentos que temesse que ele se separasse de mim. Havia mesmo essa separação. Apesar de estar aí ao meu lado ele alheava-se, perdia-se num longo silêncio de olhar paralelo.

Era preferível nesses momentos que eu calasse também. Que disfarçasse a minha decepção. Que me escondesse atrás de um silêncio e de um olhar distante, para que ele me viesse falar. Precedia nessas ocasiões as suas palavras um longo sorriso bem vivo. Um sorriso grande e bom em que tomavam parte todos os músculos do seu rosto. Era um sorriso demorado e só o atenuava quando via no meu rosto um sorriso quase igual ao seu. Chegara a essa conclusão, porque várias vezes, quando ele me sorria nesses instantes, eu permanecia sério e perdido e isso o fazia por exigência minha interior, decidido a ver se ele pararia de sorrir, vendo a ineficácia do seu bom e grande sorriso. Mas Pitágoras não se dava por vencido. E sorria e meneava o rosto até que eu sorrisse também.

Ele vencia-me assim.

E era então que ele falava. E começava lentamente a tocar num assunto qualquer, de pouco interesse. Mas associava as idéias, juntava as palavras, pensava alto para mim, até que escolhia um assunto para, sobre ele, tecer os seus longos comentários emoldurados por grandes gestos.

Todo Pitágoras encontrei nas suas palavras escritas. Toda a diversidade do seu caráter, toda a diversidade das suas idéias, eu as conhecia através das páginas que tenho reproduzido.

É como uma análise de si mesmo. O tom pletórico em que elas estão escritas, nalguns trechos, a mansidão que se observa noutros, dão bem a idéia dele. Pitágoras era assim mesmo. Positivamente assim.

Parece-me uma espécie de confissão. Ele me dizia que era uma 'maneira catártica de dar saída à pressão interior". E por isso escrevia. "Não que deseje publicar isso. Nunca o faria. Mas, você sabe, eu sinto vontade de escrever. E por isso escrevo. É só por isso que escrevo. E é só por isso que se deveria escrever. Não acha?"

Eu achava. Eu sempre concordava com ele.

Pobre Pitágoras, como me penitencio agora de ter sido tantas vezes tão insincero para com ele. Como me penitencio de tantas vezes ter explorado a sua confiança em mim para me apossar das suas coisas, dos seus trabalhos, dos seus escritos. Ele tinha uma memória terrível para o que era seu. Esquecia tudo. Deitava em qualquer canto e eu aproveitava-me disso para me apoderar das suas páginas.

Roubava-o Não para mim, mas para ele... Amigo Pitágoras, onde estejas tu, quando leres essas páginas minhas, perdoa-me o crime que cometi. Eu não o fazia senão por um espírito de justiça.

Sempre julguei-te errado em negares que os teus semelhantes conhecessem o porque do teu ódio e o porque do teu amor. Sempre julguei injusto que eles não pudessem um dia saber o que pensaste sobre os homens e sobre as coisas.

Esse crime, amigo Pitágoras, tenho certeza que merece perdão, porque esse crime é daqueles que merecem perdão.

Uma ansiedade perturbava a serenidade da vida de Pitágoras. Sozinho punha-se a recordar todos momentos mais vivos de sua vida, que ainda permaneciam palpitantes, estratificados na sua memória. Como houvera mudado. Aquele amor que guardava por Inge

[2]havia lhe reconstruído a sua alma. Toda a sua mentalidade sofrera, dali em diante, uma modificação completa.

...

Recordava-se de Grant. Era um nome feito. Suas obras consumiam-se aos milhares e as edições sucediam-se às edições. Nunca mais o procurara e temia mesmo que se encontrasse com ele frente a frente.

Não podia deixar de recordar a falta de equilíbrio que tinha então em suas idéias. Tinha ansiedade da originalidade. "E, no entanto, exclamava para si mesmo, o homem excelso não é original..." Mas que lhe importam as suas afirmações, as recordações do seu passado, se, agora, se encontra frente a frente com um fato novo. Esse Kiros é agora a sua preocupação maior. Então a sua doutrina, o seu potencialismo, que ele prevê como vitoriosa para o fim desta grande guerra, onde estão se agitando todas as idéias e todas as ânsias do homem, onde se chocam as últimas ambições mesquinhas, essa doutrina que ele acreditava piamente nasceria nos campos de batalha da Europa, nas cidades bombardeadas, já encontra ali, junto a ele, em homens que se chocam consigo, em pessoas que lhe passam indiferentes, já viva, já palpitante, formando prosélitos?

Sorri de seu amor absurdo pelo seu fracasso. Como poderia dali por diante se sentir feliz com a sua derrota se a vitória lhe sorria agora. Não haviam outros que adotavam os seus pontos de vista? Esse Kiros, esse personagem que ele procurava criar com as tintas da sua imaginação, não podia ter uma forma humana como desejava. Havia sempre um detalhe na figura que ele fazia de Kiros que lhe contrariava. Não poderia ser baixo nem alto de mais. Deveria ser... como deveria ser...

E por que não preocupava como ele era? Não! Queria a força de imaginação criar o tipo de Kiros e se sentiria, amanhã, profundamente revoltado, sinceramente enganado se Kiros tivesse uma fisionomia, um corpo diferente daquele que ele imaginara.

Esses loucos da Europa estão realizando o destino humano sem saberem... Pobres personagens de um drama que eles não conhecem o desfecho!... Mas Kiros? E Kiros? Precisa vê-lo de uma vez. Quer conhece-lo de uma vez.

Precisava encontrar Roberto. Este era um dos seus discípulos. Assim Johann lhe havia dito.

---

[2] Personagem do romance inédito "Homens da Tarde".

Mas onde diabo estará ele?

Como se o destino lhe preparasse encontrar-se na rua com Roberto.

-Alô! Roberto!... Um momento. Como vais?

-Bem. Que há?

-Quero o endereço de Kiros. Sei que estás estudando filosofia com ele. E soube também que vocês terão hoje uma aula. É possível que eu possa assisti-la?

-Naturalmente. Como não? Hoje às oito horas poderemos nos encontrar aqui mesmo. E eu te levarei até lá.

-Ele não levará a mal a minha presença?

-Absolutamente, ao contrário, Kiros é um homem interessantíssimo. Vais gostar dele, garanto.

O tempo custou a passar para Pitágoras. Muito antes das oito horas estava no lugar marcado e esperava Roberto com ansiedade.

Este chegou conforme prometera e ambos seguiram para a casa de Kiros. Era num arrabalde da cidade. Pelo caminho falaram longamente sobre as últimas notícias da guerra. A invasão alemã prometida era ansiosamente esperada por todos os dois. Assim, só assim a guerra tomaria o curso que o destino lhe determinara. Havia que se resolver de uma vez aquele impasse na Europa para que a guerra seguisse o seu curso completo e chegasse até as suas últimas conseqüências.

-Seria uma calamidade para a humanidade, agora, se houvesse uma paz entre ambos.

-Calamidade?

-Sim, porque nada resolveria essa paz. Acabaríamos por sermos outra pausa de espera para assistir, mais adiante, uma nova destruição dos homens, a mais inútil e imbecil de todas. Se a guerra terminasse agora haveria vencedores e vencidos. E os vencidos sonhariam, amanhã, com a revanche. Demais a mais as causas que determinam esses morticínios inúteis não ficariam totalmente conhecidas e destruídas e prepararia outra mais adiante, sem resultado nenhum favorável para a humanidade. É preferível que ela chegue de uma vez até as suas últimas conseqüências e termine como deve terminar com a derrota geral de todos os participantes, para que a humanidade possa auferir os resultados dessa

Mas onde diabo estará ele?

Como se o destino lhe preparasse encontrar-se na rua com Roberto.

-Alô! Roberto!... Um momento. Como vais?

-Bem. Que há?

-Quero o endereço de Kiros. Sei que estás estudando filosofia com ele. E soube também que vocês terão hoje uma aula. É possível que eu possa assisti-la?

-Naturalmente. Como não? Hoje às oito horas poderemos nos encontrar aqui mesmo. E eu te levarei até lá.

-Ele não levará a mal a minha presença?

-Absolutamente, ao contrário, Kiros é um homem interessantíssimo. Vais gostar dele, garanto.

O tempo custou a passar para Pitágoras. Muito antes das oito horas estava no lugar marcado e esperava Roberto com ansiedade.

Este chegou conforme prometera e ambos seguiram para a casa de Kiros. Era num arrabalde da cidade. Pelo caminho falaram longamente sobre as últimas notícias da guerra. A invasão alemã prometida era ansiosamente esperada por todos os dois. Assim, só assim a guerra tomaria o curso que o destino lhe determinara. Havia que se resolver de uma vez aquele impasse na Europa para que a guerra seguisse o seu curso completo e chegasse até as suas últimas conseqüências.

-Seria uma calamidade para a humanidade, agora, se houvesse uma paz entre ambos.

-Calamidade?

-Sim, porque nada resolveria essa paz. Acabaríamos por sermos outra pausa de espera para assistir, mais adiante, uma nova destruição dos homens, a mais inútil e imbecil de todas. Se a guerra terminasse agora haveria vencedores e vencidos. E os vencidos sonhariam, amanhã, com a revanche. Demais a mais as causas que determinam esses morticínios inúteis não ficariam totalmente conhecidas e destruídas e prepararia outra mais adiante, sem resultado nenhum favorável para a humanidade. É preferível que ela chegue de uma vez até as suas últimas conseqüências e termine como deve terminar com a derrota geral de todos os participantes, para que a humanidade possa auferir os resultados dessa

grande sangria e tire as vantagens dessa dolorosa experiência, de uma maneira mais concreta e mais profunda. Você não acha assim, também?

-Não sei não, Pitágoras. Não sei não! Será que os resultados serão tão favoráveis para a humanidade?

-Veremos. Eu creio nele e se você viver até lá verá.

Estavam em casa de Kiros.

Pitágoras entrou sem deixar de sentir uma certa preocupação. Temia-lhe uma desilusão. Receava que acabasse sentindo em Kiros um mero professor de filosofia, sem maiores arroubos. Mas queria ter esperanças e por isso se encheu de fé.

Já haviam começado as aulas. Haviam mais de uma dezena de alunos, assim calculou. Houve um rápido voltar de olhos para ele, quando entrou. Não os conhecia senão Johann que estava entre eles. E outro, sim. Onde o conhecera? Entre eles havia um que lhe sorrira. Donde o conhecera?

Mas a pergunta não se demorou muito dentro de si porque a figura de Kiros lhe atraía agora toda a atenção. Havia um brilho estranho, quase profético nos seus olhos. Kiros tinha "o oriente no seu roso", definiu-o Teve a convicção que se achava em frente a um "caso sério" e antegozava com volúpia os frutos daquele encontro, pois tinha certeza que eles seriam preciosos.

Kiros explanava a doutrina de Fichte. Havia um certo desinteresse desdenhoso nas suas palavras. Descrevia com serenidade indiferente de quem não a adota. Mas no final Pitágoras sentiu um sobressalto quando Kiros, depois de haver fechado o seu caderno, entregou-se a um longo silêncio. Seus olhos agora estavam voltados para o ar. Kiros principiou a falar assim, lentamente, suavemente: (entra aqui: Assim falou Pitágoras de Melo).

Enquanto Kiros falava Pitágoras sentia-se feliz. Muitas vezes ele pronunciara com um leve mexer de lábios: "Essas palavras são minhas, são minhas..."

A personalidade de Kiros entrava-lhe dentro de si. Sentia-se. A sua voz era morna, penetrante, contagiante, simpática. Depois daquelas palavras Kiros fizera uma pausa. Mas continuou

(entra aqui: nas vésperas das destruições, etc.)

Quando Kiros terminou a sua peroração foi que Pitágoras percebeu que havia entre os seus discípulos um recolhimento respeitoso. Impressionava-lhe mais que as suas palavras os rostos daqueles discípulos. Olhou um a um e inconscientemente contou-os. Eram onze. E com ele, doze. Eram doze discípulos.

"Cristo também tinha doze discípulos..." ele ouviu uma voz interior. Mas era a sua própria voz. Poderia ter sorrido daquele pensamento, mas aquilo lhe fez penetrar mais profundamente dentro de si. Havia intenções de símbolos naquela casualidade. Poderia perseguir esse pensamento, mas as palavras dos discípulos de Kiros, as frases deste, enquanto se despedia dos alunos, todos em pé a sua volta, não permitiram que ele demorasse mais a sua atenção aos seus pensamentos interiores.

Roberto chamou-o e levou-o até Kiros.

Houve uma apresentação de poucas palavras. Os olhos de Pitágoras não se despegavam de Kiros. Havia uma troca inteligente dos seus olhares. Um sorriso em ambos os rostos definiu pensamentos. Pitágoras estava alvoroçado. Kiros levemente emocionado pela presença de uma pessoa que deseja conhece-lo e que admirava as suas doutrinas. Roberto havia dito que

-Pitágoras, esse meu amigo tem os mesmos pontos de vista do senhor. Ele também é um nietzscheano.

Kiros abrira bem os olhos e havia ainda mais simpatia agora no seu rosto. Pitágoras demorava-se numa modéstia toda exterior.

Pitágoras teve desejos de lhe expor ali os seus pontos de vista. Mas os discípulos de Kiros eram muito numerosos e tornavam indevassável a sua alma. Sentia pudor de dizer ali os seus pontos de vista, e, não se contendo, disse:

-Terei muito prazer em conversar consigo depois. Possuo alguns pontos de vista totalmente meus e que os desejaria expor. Talvez os nossos pontos de vista combinem, não acha?

-Como não? E quando queira estarei às suas ordens. Se quiser ficar poderemos conversar um pouco até mais tarde. Os meus discípulos, muitos moram longe e não poderão esperar. Mas, aqui, por exemplo, Johann, Roberto e Paulsen poderão se demorar ainda mais. Paulsen?

Pitágoras ouvindo aquele nome conheceu o jovem magro de olhos escuros que lhe sorrira:

-Não se recorda mais de mim? – perguntou-lhe Paulsen.

-Agora sim. Agora recordo-me. Você era aquele que procurava uma resposta aos seus porquês? Nunca me esqueci de você, embora não guardasse a sua fisionomia. Sou um péssimo fisionomista e me esqueço com facilidade das feições dos outros. Mas creia que não me esqueci nunca de si. Foi bastante motivo para muitas preocupações minhas. É tão difícil, hoje se encontrar alguém que ainda se preocupe em saber o porquê das coisas e se interesse pela resposta às interrogações interiores, que quando encontro alguém assim como você jamais me esqueço.

-Pois eu nunca me esqueci de você. E fique sabendo que muitas das suas frases ainda estão falando dentro de mim. Muito me ajudou a encontrar-me, a enfrentar esta cidade e em criar para mim um novo conceito de felicidade.

-Então não sou totalmente inútil... – disse Pitágoras a sorrir.

-Para mim foi utilíssimo... – acrescentou Paulsen. Paulsen sentia uma grande simpatia por Pitágoras. E naquele momento ambos sentiam o mesmo, mutuamente.

Formou-se novamente uma roda em volta da mesa e Kiros estava com a palavra. Discorria sobre os seus pontos de vista. Pitágoras permanecia calado, enquanto estudava a fisionomia de todos. Observava Paulsen. Recordava-se que ele possuíra antes uns traços mais torturados no rosto. Estava mais sereno. Kiros era todo pensamento e as suas palavras saiam mansas. A sua voz tinha uma elasticidade que contagiava-o

-Este homem – dizia para si mesmo. – É daqueles que sabem fazer adeptos. Tem todos os elementos necessários para os guias.

Mas a sua atenção voltou-se para Kiros quando este se expressava assim: (entra "os predicadores da virtude são os seus maiores inimigos".)

Kiros parou aí. Pitágoras notara durante todo o tempo que a sua fisionomia tomava um aspecto de uma serenidade profunda. Havia lampejos de loucura nos seus olhos, que umas vezes ardiam de ódio e noutros possuíam uma doçura infinita. Havia nos seus gestos uma lentidão oriental. E as suas mãos eram belas e finas e pousavam de leve sobre a mesa, outras alçava-se com o indicador apontado para cima e completava com um tom profético as suas palavras.

Pitágoras emocionava-se. Sentia-se desfazer-se nesses momentos, sentia que a personalidade de Kiros era poderosíssima e fazia estremecer a sua própria personalidade. Havia momentos que tinha impressão que se fundia com ele que ambos nada mais eram que uma única pessoa, que poderia sentir as emoções que ele sentia e que as palavras que Kiros pronunciava saiam dos seus lábios. Mas nem por isso perdia totalmente a consciência de si mesmo. Não havia um desaparecimento total de sua personalidade e tão somente a sensação de que ele adquiria aos poucos a personalidade de Kiros.

Pitágoras sentia-se Kiros. "Eu sou Kiros..." houve levemente essa exclamação interior.

Quando Kiros terminou formou-se novamente o silêncio na mesa. Notava-se que ele estava como entregue ao eco das suas próprias palavras, como se fosse levado por elas, arrebatado por elas e toda a sua palidez aumentava e os seus cabelos louros vibravam de luz ao foco da lâmpada que pendia do alto.

Quis interromper aquele silêncio, mas teria julgado aquele ato uma verdadeira profanação. Deveria permanecer silencioso, também, como os discípulos de Kiros que permaneciam silenciosos e parados como se temessem que os sons de seus lábios ou o silêncio dos seus gestos pudessem perturbar a concentração do mestre. Kiros tinha agora os olhos fechados. Sobre as pálpebras ensombreava-se uma mancha escura que tremia junto às pálpebras que tremiam. E o silêncio tornava-se cada vez mais profundo que se ouviria até o bater dos seus corações.

Esse silêncio perdurou por longos segundos.

-Odiai as almas estreitas daqueles que nada tem de bom nem de mau... – Essas palavras saíram dos lábios de Kiros como se viessem de muito longe e havia nela um tom grave que dava uma sensação de sepulcro.

Depois, sem que suas mãos se mexessem, sem que seu rosto tivesse a menor modificação, ele continuou:

-Detesto os homens que conduzem e detesto os homens que seguem. Nego a obediência e jamais admito que se governe alguém. É preciso inspirar em si mesmo a grande emoção para ser capaz de inspirar os outros. É um crime contra si mesmo querer conduzir o seu próprio eu. Quero ser a besta feroz das selvas. Quero conquistar a mim mesmo pela minha própria fascinação. Não deveis me seguir. Nem deveis obrigar a vós

mesmos a obediência. Procurai conquistar o vosso próprio eu. E cada um encontra o seu próprio destino.

Quando terminou essas palavras os seus olhos se abriram e estavam molhados ante os reflexos da luz. Brilhavam estranhamente. Aos poucos um sorriso morno veio se postar no seu rosto e olhou a todos com intimidade. Pondo os olhos sobre Pitágoras disse lentamente:

(entra aqui: Segundo o mestre pode-se observar, etc.)

Na rua ainda havia o mesmo silêncio dentro de cada um. As palavras de Kiros haviam contagiado a todos e nenhum tinha decisão suficiente para falar. Seriam demais quaisquer comentários e Pitágoras sentia que o silencio seria, naquele momento, o melhor aplauso, porque há momentos em que o silêncio é o único aplauso. Quando seus olhos se encontram com os de Paulsen ele compreendeu que nele também havia a mesma decisão. Parecia-lhe fácil, naquele instante, perscrutar a alma de cada um. Sentia que os pensamentos dos seus companheiros eram facilmente apreensíveis por ele. Existia uma comunicação misteriosa entre todos, que se processava através dos olhares mansos e do silêncio que contagiava.

No bairro distante só havia trevas e surdos rumores que vinham da cidade. Todo o ambiente favorecia para longas divagações interiores e naquele momento qualquer palavra, qualquer interrogação teria assumido às proporções de uma afronta, de uma provação.

E nenhum tinha coragem para romper o silêncio e todos caminhavam no mesmo passo lento, um junto ao outro, guardando para si mesmo as suas próprias opiniões e comentários.

Um carro que buzinou na esquina teve o papel de perturbador daquela concentração. Johann não deixou de dizer com visível revolta:

-Por que buzinou este carro nessa esquina? Não havia necessidade. Não há tanto movimento aqui para que buzinasse tão demoradamente. Não sei como se pode suportar tantos ruídos nesta cidade.

E como ele poderia saber que o silêncio até aquele momento estivera dentro de si fazendo-o gozar de toda a sua plenitude?

Roberto aprovou o ponto de vista de Johann. Mas Paulsen e Pitágoras seguiam juntos silenciosos.

Pitágoras comentava intimamente que Kiros era um grande cérebro, mas estava completamente dominado pela sua própria teoria. Longe dele sentia como uma vontade de contrariá-lo, agora. Mas como contrariá-lo se ele pensava da mesma maneira?

Virando-se para Paulsen fez essas considerações:

(entra aqui: Não seria possível se interpretar, etc.)

Seguiam agora sozinhos lado a lado. Paulsen rememorava a primeira vez que se encontrara com Pitágoras. Ele naquele tempo, tinha uns ares proféticos, era mais pálido e a sua voz era mais mansa. Nunca se esquecera do que lhe dissera. Quando já tinha perdido a fé na sua busca, encontrou-se por meio dele. Entre o choque de suas duas alma, a provinciana, estratificada no seu subconsciente e a metropolitana que se formava no choque de emoções naquela cidade, ele perdera o equilíbrio, quando Pitágoras lhe acenou com um caminho novo que ele até então nem percebera a sua possibilidade. Intimamente agradecia a Pitágoras a coragem que lhe dera.

Este, pelo caminho, ia silencioso. Quanto mais se afastava da casa de Kiros, sentia que a perturbadora influência das suas palavras e da sua personalidade diminuía. Chegara a se sentir como ele, mas agora tinha ânsias de contrariar as suas idéias, de criar limites às suas conclusões. Sentia intimamente satisfação de que Kiros acabasse seguindo os seus próprios princípios. Era para a sua vaidade um afago. Mas, uma certa dose de inveja envenenava-lhe a satisfação, pois desejaria mais, muito mais, que aquelas idéias fossem só deles e que ninguém a tivesse compreendido e amado, senão depois de te-lo ouvido falar ou estimulado por suas afirmações. Agora Kiros era uma realidade. Havia outro, além dele. Outro que, embora não quisesse pessoalmente dirigir, dirigia sem decisão um grupo de discípulos. Ali estava Paulsen, aquele homenzinho magro que seguia ao seu lado.

Os seus pensamentos, de Pitágoras e Paulsen, seguiam paralelamente. Só o silêncio dos seus lábios uniam-nos agora. E Paulsen tinha vontade de dizer alguma coisa e quando ia iniciar Pitágoras precedeu-o para afirmar:

-Kiros é um cérebro...

-Um grande cérebro.

-Há algo de profético nele que nos comove.

-Todos aqueles que ainda não perderam a sua almasinha boa... – ajuntou Paulsen.

-Como?

-À sua almasinha boa, sim. Kiros deverá ser supinamente ridículo para Samuel, para Sady e outros. Lembra-se de Samuel? – Pitágoras havia franzido a testa. Não se recordava de Samuel. Por que Paulsen falava nesse Samuel?

-Samuel estava conosco naquele dia em que lhe fui apresentado e que você me expôs os seus pontos de vista. É o tipo do metropolitano. Para ele Kiros seria absolutamente ridículo. Nunca sentiria o efeito das suas palavras nem poderia entende-las. É por isso que eu não creio numa vitória fácil das idéias de Kiros.

-Essas idéias não vencerão ainda, porque elas não existem para a época atual. Transcendem da nossa era... – alegou Pitágoras já dominando fortemente as suas palavras e cheio de convicção.

-Eu também acho... – afirmou Paulsen como num eco.

-Por caminhos diversos também cheguei às mesmas conclusões de Kiros. Só que não as levo nesse caráter profético que ele imprime às suas palavras. Há muito orientalismo em Kiros. E é preciso que respeitemos a sua alma. As mesmas idéias poderiam ser expostas de outra maneira, com menos misticismo. – Pitágoras quase instintivamente procurava reagir contra Kiros. Por que reagia contra ele?

-Kiros é daqueles que chegaram aos extremos e onde a duvida não paira mais. Não acha?

-É isso mesmo, você tem razão. Ele já passou por fases que eu e você talvez ainda estejamos nela. É a certeza... a certeza – Pitágoras não queria continuar mais. Poderia melindrar a Paulsen e ele não sabia até onde ia a admiração dele por Kiros.

-Lembra-se da noite em que lhe conheci?

-Tenho uma vaga recordação – afirmou mentindo.

-Pois eu nunca mais pude me esquecer de você. Guardo muitas das suas frases e elas me ajudaram a crer nalguma coisa além de mim mesmo. Você foi para mim um achado.

-Agradeço as suas palavras.

-Não tem do que agradecer . – Fez Paulsen com um sorriso. – Depois que lhe encontrei o destino me deu mais uma esperança. Encontrei uma moça que hoje é a minha companheira. Tenho um amor estranho por ela. É menos que paixão, mas é mais que

companheirismo. Quero-a com pena... uma espécie de pena. Conhecia-a numa noite fria... Mas no final de contas, talvez você diga que nada tem com a minha história.

-Não, não... Absolutamente Paulsen. Por que diria eu isso? – protestou Pitágoras. – Que há de estranho numa história? De mais a mais cada um tem a sua história. Você tem a sua e eu a minha. E há sempre um desejo de confidências, uma necessidade de confidências. Não se nega por isso a nós mesmos. No amor deve mesmo haver uma afirmação e devemos reconhecer que ele nos cria uma superpersonalidade. A gente é mais que a gente mesma, nesses momentos. Há extravasamento, há superações... não acha? Depois a sua história lhe pertence. Pode revelá-la para quem queira. Mas asseguro-lhe que em absoluto ela não me causa nenhuma repulsa anterior. Sou-lhe franco. Deve mesmo já ter compreendido que sou sempre franco. Se quer falar de si, de sua história, não pense que não o ouvirei sem respeito. Ao contrário. Eu sei bem o que isso significa porque eu também amei... e amo... – fez uma pausa. Paulsen lutava consigo mesmo. Simpatizava com Pitágoras. E aquela noite lhe dava vontade de falar.

-Essa moça vive comigo e é honesta. Sincera, leal... Depois que a conheci as suas palavras daquela noite assumiram maior vulto dentro de mim. Cresceram. Eu senti então uma maior afirmação de vida. E procurei com esperança, com fé, com certeza, o caminho que você me indicara. Encontrei depois Kiros. Revelou-me a possibilidade de um mundo novo. E creio nesse renascimento, nesse retorno que ele prega. Não acha?

-Sempre pensei assim – afirmou Pitágoras com resolução.

-E vive só?

Aquela pergunta perturbou Pitágoras. Mas nenhum traço do seu rosto sofreu qualquer modificação. Pesava-lhe agora dentro de si a necessidade da resposta. Devia uma resposta. E foi procurando a maior soma de serenidade que disse:

-Vivo só...

Paulsen calou. Houve uma pausa pequena. E Paulsen prosseguiu:

-E ama alguém?

-Amo...

-Perdoe-me se sou irreverente nas minhas perguntas. – Pediu Paulsen com a voz torturada.

-Absolutamente. Não há nenhum mistério na minha história. Ela é tão simples que por isso mesmo encerra na sua simplicidade a sua maior tragédia. Amei quem não devia e não podia amar. Mais nada. Eu procuro essa mulher sem procura-la. Espero, se o destino queira me fazer um benefício, que ela se encontre comigo casualmente. Hás nisso um pouco de fatalismo. É absurdo isso ante as próprias idéias que eu defendo. Mas vem lá de dentro e nada, nenhuma força minha seria capaz de impedir que eu sentisse essa fatalidade. Há várias maneiras de amar. Eu tenho a minha.

(Entra aqui: Há homens que amam pela pele, etc.)

. . .

Pitágoras de Melo dizia-me:

"A vitória alemã periga pelo seu excesso de força. Há povos que se gastam nas próprias vitórias. Não precisa me citar as já famosas e proverbiais vitórias de Pirro, e que seria de incontrastável mau gosto. Mas posso, no entanto, recordar as de Napoleão. Cada vitória o aproximava da derrota final. E Waterloo foi tão somente um acidente, pois quando se travou a grande batalha já o indomável corso estava derrotado.

A grande diversidade de frentes e necessidade de impor o seu poder em muitas partes, simultaneamente, cria o perigo da divisão de poder. Assim como os estrategistas usam a tática de dividir o adversário para melhor combate-los, a Alemanha, apesar das suas vitórias, divide-se muito, embora sem ter grandes batalhas, mas ninguém pode negar que elas existem em potência. Não é a Checoslováquia um campo de batalha possível? Não o é a Áustria? Não é a Polônia? Não é a Romênia? A Holanda, a Bélgica, a Dinamarca, a Noruega?

Num momento de fraqueza, amanhã, não poderá sobrevir os levantes que possam obrigá-la a ter que usar toda a sua força para uma sufocação imediata. E se for usada a tática de Juarez para combater os franceses de Maximiliano e atacar aqui, ali, acolá, simultaneamente. As convulsões de rebeldia precisam ser esmagadas no lugar de origem e imediatamente.

E se amanhã a Alemanha se ver a braços com um levante na Polônia, entre na Checoslováquia, entre na Áustria, entre na Holanda, entre na França, entre na Bélgica, entre na Noruega, entre na Dinamarca, entre na Romênia?

Não terá a Alemanha vencido demais? Chegaríamos a assistir um caso quase inédito na história e que definiríamos assim:

"A Alemanha foi derrotada por excesso de vitórias!"

Seria isso estupendamente paradoxal! É isso puramente uma possibilidade e não saímos até o momento de terreno bondoso das possibilidades..."

. . .

Os ideais nascem, tomam forma, tornam-se às vezes em realidade. São refeitos, reconstruídos depois, substituídos por outros, que, igualmente nascem, tomam forma, tornam-se também às vezes realidade, são refeitos, reconstruídos depois, substituídos por outros, que continuam, assim, a realizar o ciclo de nascimento, vida, morte de todos os demais.

O homem é mortal e tudo que ele produz traz dentro de si o germe da morte.

O eterno só é concebível como uma associação por contradição, porque todas as coisas no universo estão afirmando a vida e a morte.

Os que não se conformam com essa precariedade desejam o eterno. Deus, para eles é uma necessidade, um acomodamento, um suspiro de alívio, um meio de encher o vazio.

. . .

É preciso não confundir; não é a satisfação da vontade a causa do prazer. Mas a causa do prazer está no fato da vontade conseguir ir avante, está propriamente na insatisfação da vontade; na sua incapacidade em poder satisfazer-se sem vencer o adversário e a resistência.

. . .

Kiros – Contra esse espírito de querer fazer da sociedade o maior passo evolutivo do homem eu me revelo. Os animais fracos também vivem em sociedade. O homem pode viver só na multidão. Teríamos que partir assim para uma organização, se julgássemos a sociedade o supremo avanço do homem, em que cada um deveria ceder os seus direitos, torturar os seus instintos para dar mais força ao seu próximo. Partiríamos para o homem despontecializado, para o homem número, para o homem dominado.

Proclamo uma nova aristocratizarão do homem, que garanta a esse uma maior soma de liberdade, no sentido que a defende, em que se choquem os instintos opostos do

homem, mas em que o homem possa sair vencedor. Nessa sociedade é necessário que o homem tenha a possibilidade de obter as grandes vitórias...

. . .

Kiros – O homem deve desejar possuir para si o maior número possível de responsabilidades...

Os fracos não podem suportar a dúvida. Os medíocres não tem as profundidades de coração e temem a experiência e temem a independência...

(Nota: os escritores que não admitem a dúvida na arte, no romance por exemplo, são sempre medíocres. É o caso de muitos cuja arte não passa do epidérmico).

. . .

Kiros – Devemos suportar os fracos e conserva-los para que tenhamos quem seja capaz de realizar os pequenos trabalhos, dizia o Mestre.

. . .

A virtude do silêncio

Por várias vezes tornei públicas as palavras que mantive com Pitágoras de Melo. Misto de homem e de fantasma, haviam-me ele permitido penetrar tão profundamente em sua alma que a comunhão de nossas idéias se processavam como se fosse um simples diálogo interior. Quando Madri caiu em poder dos franquistas, afirmou que isto custaria caro à França e à Inglaterra. Preconizou a derrota da França e uma paz em separado. No caso Hess declarou, de início, que não era um fugitivo e sim um embaixador especial para uma paz com a Inglaterra, para atacar a Rússia. Não acreditou, sim, que Hitler o fizesse quando o fez.

Buscar duas frentes, era uma loucura, além de que confiava firmemente nas grandes possibilidades do exército vermelho.

As minhas com Pitágoras atravessavam um terreno enciclopédico. Íamos a todos os recantos da vida, da arte e da ciência e, para cada assunto, ele tinha sempre alguma coisa nova para me dizer. E o silêncio defensivo que conservava para com os outros, enquanto para mim se alargava em comentários era naturalmente um motivo meu de orgulho. Mas havia, nele, algo que me decepcionava.

Jamais Pitágoras me fizera confidente de qualquer de suas afeições para com o outro sexo. Abstinha-se de falar em mulheres, a não ser para elogiar o seu espírito de

renúncia e de abnegação. Foi o próprio Pitágoras quem me disse que sua mãe havia morrido no dia em que ele nascera. Por isso eu procurava vislumbrar manifestações de autodestruição, impulsos de morte; mas a nostalgia de seu olhar, a melancolia meiga de seu rosto, os olhos voltados para as lonjuras, não eram bastante para firmar as minhas precipitadas interpretações, porque ele, quando me expunha suas idéias, não escondia um otimismo dionisíaco, uma afirmação tão cheia de vida, tão morna, tão tropical, que me convencia de seu espírito afirmativo. Mas tudo isso, quem sabe, não seria uma ambivalência desses impulsos destrutivos e de punição, que se agitariam dentro dele? Não seria um recurso aquela manifestação de otimismo? E tenho minhas razões. Não conheço Pitágoras de Melo de hoje. Conheço-o de muitos anos. Quando o vi pela primeira vez era um tipo de derrotado. Amava até a sua derrota. Ele me confessou isso um dia. Aquela fase de minha convivência com a alma hospitaleira de Pitágoras, aqueles dias de angústias mútuas, em que, como dois boêmios, percorríamos as ruas escuras, os desvãos, as praças solitárias, para pedirmos à noite respostas que nos faziam falta para encher o vazio de nossas almas, nunca os esquecerei. Mas se Pitágoras era assim, não pensem que o fosse por mera atitude. Tinha suas razões. E quando as expunha contagiava-me profundamente. Ele me dizia temer sempre afeiçoar-se a alguém. "É um vínculo que acaba tornando-se numa prisão" – dizia-me. - Já uma vez prendi-me a um amigo e só guardo decepções. Recordo aqueles dias e não os esquecei mais. Formam, até certo ponto, o patrimônio da minha vida e o lastro emocional de mim mesmo. Amo demais, hoje, a independência, para ser de alguém.

Sê só e serás inteiramente teu! Já houve quem o dissesse. Não pense que desejo ir além de mim mesmo, para entregar-me aos outros. Recolho-me a mais justa e mais humana das introversões. Nossa pequenez é outro equívoco. Porque somos nada em relação ao todo, não devemos, por isso, julgarmo-nos demasiadamente miseráveis. Não acuso a mim mesmo da minha pequenez, porque podemos nos exaltar além de nossos limites.

Eu os busco dentro de mim. Sou como a formiga que socava. Vou roer nas cavernas internas as minhas misérias, os alimentos que depois se tornarão um sorriso no meu rosto ou vão tornar mais profundos os meus olhos. Busco-me na certeza de que nunca me acharei. Há nisso um certo masoquismo que me perdôo. Mas torna agradável a minha busca pelos imprevistos que ela me oferece. Sou como o viandante solitário que se diverte

com as paisagens do caminho e receia a hora triste da chegada. O termo da viagem será a morte. Não que a tema, nem a desejo.

Espero-a como a promessa de um algo mais. Por que entraria agora em afirmações de um mais além... Viria isso ao caso, por ventura? O maior perigo da minha vida seria esse: se eu abrisse um dia de par em par as portas de minha alma e, generoso hospitaleiro, abrigasse o desconhecido viandante que vem cansado e moído pela poeira dos caminhos... No entanto, tu, um dia vieste até mim. E eu abri as portas de mim mesmo. Recebi com pródiga indiferença tuas palavras. Guardei tuas opiniões. Troquei-as pelas minhas. Mostrei-te parte da mansão em que vivo. Levei-te aos jardins suspensos onde passo as horas agradáveis de minha solidão. Mostrei-te a longínqua paisagem que se encosta ao horizonte, onde ficam guardadas as minhas esperanças. Prometi-te muito de minhas terras, levei-te até os subterrâneos labirínticos que guardam os segredos do meu passado:

Tu conheceste muito, não tudo. Conheceste demais talvez. Se fores astuto saberás quando a sonolência amorteça os meus sentidos, penetrar mansamente como um ladrão a roubar-me as jóias que escondo em relicário de ouro. Conheces também as minhas misérias, a pobreza das paredes geladas de algumas peças, mas já viste, também, o sol lamber o chão de muitas salas...

A virtude do meu silêncio foi traída contigo. Tu, um peregrino, invadiste uma vez o segredo do meu retiro. Mas o não conheces todo. Há muito nele que não te mostrei. Há uma fonte peregrina, atrás daquelas árvores que verte um líquido diáfano onde bebo a minha nostalgia e a minha amargura. Há pássaros que cantam à tua beira e alçam depois um vôo inacessível para mais longe buscarem mais coisas para me contar depois...

Isto eu guardei aos teus olhos. E, meu amigo, é tudo quanto resta da minha independência...!

Pitágoras de Melo era assim.